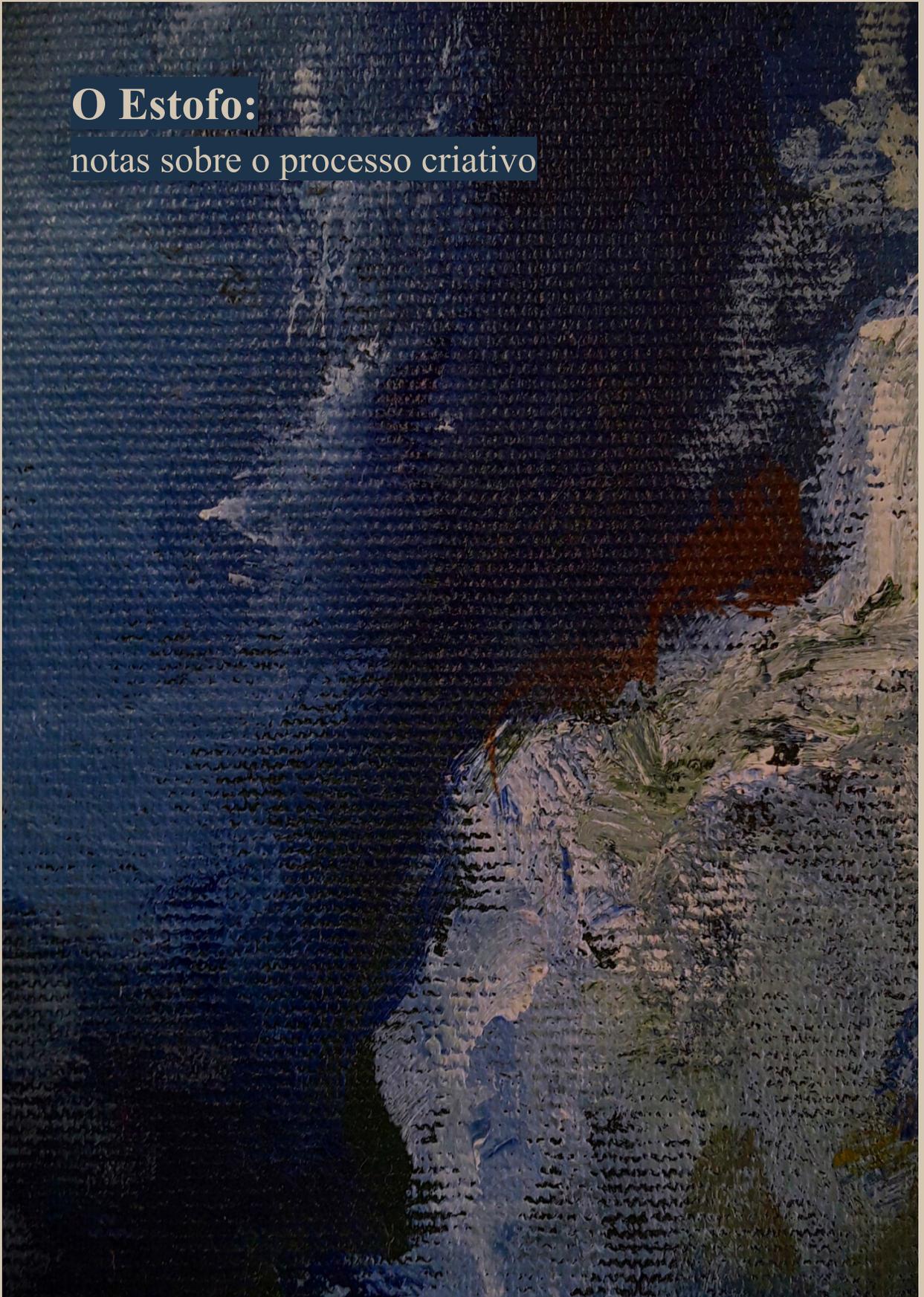


# O Estofo:

notas sobre o processo criativo



Ana Livia Silveira

**O Estofo:**

notas sobre o processo criativo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais da UFMG, como parte dos requisitos necessários para obter o título de Graduação em Artes Visuais, Bacharel em Pintura.

Orientador: Prof. Alan Fontes Borges

Belo Horizonte

2023

# Agradecimentos:

Gostaria de dedicar esse trabalho às pessoas mais sensíveis que conheço:  
minhas irmãs, que me ensinaram tanto sobre afeto e cuidado.

E também homenagear Patti Smith,  
cujos textos me confortaram quando mais precisei.

Agradeço muito à Chris e ao Alan, pelo tempo que dedicaram a esse texto e pela enorme  
contribuição em minha jornada como pintora.

# Sumário

1 - Primeiras experiências marcantes com a pintura.....	6
2 - Exercícios: Trabalhos que me impulsionaram .....	7 - 17
3 - Criação de um Projeto em Pintura.....	18 - 19
4 - Retratos.....	20 - 35
5 - Paisagens.....	36 - 45
6 - Trabalho recente.....	46
7 - Considerações Finais.....	47

## Lista de Imagens

Figura 1 - Sem título, Guache seco sobre papel Kraft, 29,7 x 42 cm, 2019.....	8
Figura 2 - Sem título, Têmpera vinílica sobre suporte rígido, 15 x 25 cm, 2019 .....	10
Figura 3 - Detalhe da pintura; Figura 2 .....	10
Figura 4 - Sem título, Acrílica sobre suporte rígido 29,7 x 42 cm, 2019.....	11
Figura 5 - Detalhe da Pintura; Figura 4 .....	11
Figura 6 - Imagem da pintura- The Nighthawks (Falcões Noturnos) de Edward Hopper Óleo sobre tela - 84,1 x 152,4 cm, 1942.....	12
Figura 7 - Obra de Cildo Meireles da série Espaços Geográficos: Cantos. A partir de 1967...14	
Figura 8 - Sem título, Guache sobre papel Paraná, 14,8 x 21 cm, 2019.....	15
Figura 9 - Sem título, Guache sobre papel Paraná, 18 x 20 cm, 2019.....	16
Figura 10 - Sem título, Guache sobre papel Paraná, 15 x 18 cm, 2019.....	17
Figura 11 - Sem título, Guache sobre papel Paraná, 14,8 x 21 cm, 2019.....	18
Figura 12 - Trabalhos produzidos durante a disciplina de Pintura Projeto.....	20
Figura 13 - Trabalhos produzidos durante a disciplina de Pintura Projeto.....	20
Figura 14 - Imagem da obra Kurt de Elizabeth Peyton, 1999.....	22
Figura 15 - Sem Título, Acrílica e Guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021.....	23
Figura 16 - Sem Título, Acrílica e Guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021.....	24
Figura 17 - Sem Título, Acrílica e Guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021.....	26

Figura 18 - Sem Título, Acrílica e Guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021.....	27
Figura 19 - Imagem da obra “Overseas Nurse” do artista Richard Prince, 236,2 x 142,2 cm, 2002.....	28
Figura 20 - Sem Título, Acrílica e guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021.....	29
Figura 21 - Sem Título, Acrílica e guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021.....	30
Figura 22 - Sem Título, Acrílica sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2022.....	32
Figura 23 - Sem Título, Acrílica sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2022.....	33
Figura 24 - Sem Título, Acrílica sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2022.....	34
Figura 25 - Vista da exposição no espaço do Corredor da Pintura.....	36
Figura 26 - Vista da exposição virtual.....	36
Figura 27 - Sem Título, Acrílica sobre tela, 20 x 30 cm , 2023.....	39
Figura 28 - Sem Título, Acrílica sobre tela, 30 x 30 cm, 2023 .....	40
Figura 29 - Sem Título, Acrílica sobre tela, 30 x 30 cm, 2023 .....	40
Figura 30 - Sem Título, Acrílica sobre tela, 20 x 30 cm , 2023 .....	41
Figura 31 - Sem Título, Acrílica sobre tela, 40 x 60 cm , 2023 .....	42
Figura 32 - Sem Título, Acrílica sobre tela, 30 x 40 cm , 2023 .....	43
Figura 33 - Foto do processo da tela; Figura 34.....	45
Figura 34 - Pintura finalizada, Sem Título, Acrílica sobre tela, 40 x 60 cm 2023.....	45
Figura 35 - Sem Título, Óleo sobre tela, 40 x 60 cm 2023 .....	46
Figura 36 - Sem título, Aquarela e lápis de cor sobre papel, 7 x 9 cm 2023 .....	47

“ Eu não tinha nenhuma prova de que possuía o estofo necessário para ser uma artista, embora ansiasse por me tornar uma. Imaginei ter sentido o chamado e rezei para que assim fosse”

Patti Smith

SMITH, *Só garotos*, 2010. p.20

Um dos meus primeiros contatos com a tinta, o que mais me marcou, foi no início do meu ensino fundamental: a professora cortou quiabos e nos deu para mergulharmos em tinta guache escolar, depois carimbamos no papel, lembro-me de usar o azul, o amarelo, e o vermelho.

No fim, todas as minhas impressões no papel ficaram verdes, porque havia misturado todas as cores. Eu sentia falta dessas três cores, mas estava empolgada pelo novo que estava diante de mim.

\*\*\*

Outro momento, em que tive contato com a pintura antes da faculdade, foi em um grupo de mães. Eu não era mãe, mas tinha muito interesse, o que fez com que aquele grupo abrisse uma exceção e me aceitasse.

Nesse grupo fazíamos pinturas em panos de prato, quando eu pintava, fazia o que me era instintivo, misturava as cores, escolhia desenhos, principalmente, de frutas e flores para pintar e aquelas mães me elogiavam.

Aprendi muito sobre o tempo de dedicação da pintura durante as aulas, esse tempo que a pintura demanda. Tirar um período do dia para se dedicar inteiramente a esse trabalho.

A cor sempre me interessou muito. Todas as combinações possíveis de cores, as cores quebradas, os degradês, tudo isso me fazia querer aprender mais e mais.

E, assim, acabei escolhendo o curso de Artes Visuais como opção de graduação.

O início do curso para mim foi um momento de tatear vários campos e descobrir aqueles que me interessavam, arrisquei-me principalmente no desenho e na pintura. Uma das primeiras disciplinas em que senti que os trabalhos se tornaram mais que exercícios foi a disciplina de Desenho A. Esse curso apresentava um foco mais técnico, que porém agregou muito ao meu trabalho, abrindo-me consciência sobre o potencial expressivo de novos materiais, especialmente, aqueles que me permitiam grandes contrastes e pigmentação.

Em uma das aulas, em que havia uma cena montada com diversos objetos, foi proposto escolher o que mais nos chamasse a atenção, para que experimentássemos a técnica. Escolhi um vaso de padronagem geométrica que dava suporte a folhagem, com folhas em formato de coração.

A opção que fiz por esse objeto fala muito sobre o que me chama a atenção ao escolher um motivo para as minhas pinturas, o vaso me chamou a atenção pela ornamentação e pela forma curiosa dele, uma relação com a geometria. As folhas me interessaram porque elas tinham uma plasticidade muito bonita. Era uma pequena árvore de corações, muito bem enraizada em um delicado vaso, escolhido com cuidado, bem decorado e enfeitado para recebê-la. Isso para mim era extremamente poético, escolher plantar uma árvore de corações em um vaso.



Figura 1 - Sem título, Guache seco sobre papel Kraft, 29, 7 x 42 cm, 2019

Apesar de erros na estruturação do vaso, vejo que nesse trabalho com guache seco ( Figura 1 ) existia uma investigação sobre contraste, luz e sombra.

Em determinado momento do curso precisei escolher a área em que iria me aprofundar dentro das Artes Visuais. As aulas de Bidimensionalidade II foram grandes impulsionadoras para que eu escolhesse a Pintura como habilitação.

Durante o semestre estudamos Goeldi, aprendemos como algumas cores se tornavam muito mais vivas e vibrantes quando eram acompanhadas por suas complementares. A proposta da disciplina era fazer pinturas em têmpera vinílica explorando essa ideia. Tive uma grande vontade de representar a festa de casamento do meu primo.

Foi um dia muito feliz para mim. Minha irmã e seu namorado estavam extremamente apaixonados, eu achava que eles ficavam muito bem juntos, tinham uma boa sintonia e eram muito cuidadosos um com o outro. A decoração foi muito bem pensada, gostei da escolha das cores e dos objetos decorativos, era tudo muito roxo, amarelo e entorpecente. Violeta e amarelo são cores complementares, então caberia perfeitamente na proposta a que me foi dada. As flores eram muito brancas e os jarros muito compridos. Queria enfatizar, na pintura, o quão fantasmagóricos eram os arranjos e o quão compridos os vasos se pareciam.

Na pintura ( Figura 02 ) tentei representar minha irmã e o seu namorado numa relação compositiva com o vaso de flores e o espaço. Sentia que não conseguia acertar na construção do rosto das duas figuras e optei por apagar as feições dos dois, entendendo que o objetivo do trabalho não era o ato de retratar a individualidade, mas o de representar o conjunto da cena.

Essa foi minha primeira experiência com têmpera vinílica, gostei muito do efeito fosco das cores e da baixa saturação delas, do efeito da tinta na trama do tecido e das manchas que consegui. As flores que fiz me lembravam do algodão, esse tipo de resultado fez com que eu quisesse investigar mais sobre pintura.

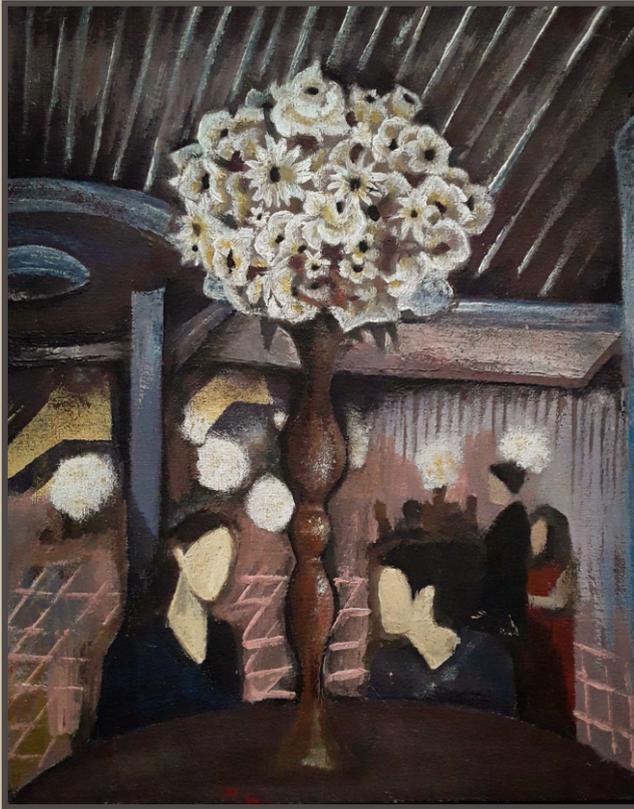


Figura 2 - Sem título, Têmpera vinílica sobre suporte rígido,  
15 x 25 cm, 2019



Figura 3 - Detalhe da pintura; Figura 2

Fiz outra pintura nessa disciplina ( Figura 04 ) investigando também as cores complementares. Para realizar essa obra, produzi fotos minhas com um vestido vermelho com listras brancas, sobre a grama. O figurino tinha um decote em coração, e era feito de seda, o corte da roupa remete ao estilo *pin-up*, típico dos anos 50. A estampa me lembrava de antigas balas de menta que eram vendidas em lojas de doces, as balas eram redondas com listras vermelhas e brancas.

Eu estava muito interessada em representar uma atmosfera vintage nas minhas obras. Inicialmente, o foco da pintura seria a figura humana e o meu autorretrato, mas, por fim, o que realmente me chamou atenção foi o movimento das linhas brancas do vestido e da vegetação. Optei por não trabalhar a cabeça da figura humana na pintura e deixar somente aquele corpo. Esse trabalho me ajudou muito no entendimento da representação dos volumes, da representação do movimento, do gesto, da luz e da sombra. Além disso, a realização dessa pintura contribuiu para o início de construção de uma paleta que me acolhesse.



Figura 4 - Sem título, Acrílica sobre suporte rígido  
29,7 x 42 cm, 2019

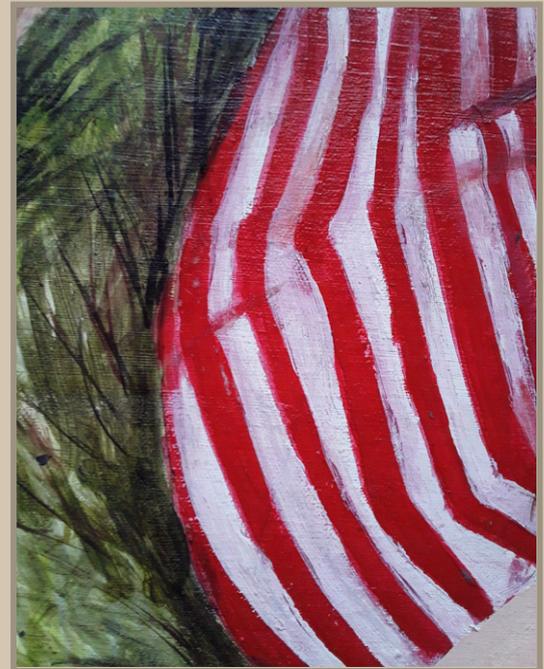


Figura 5 - Detalhe da Pintura; Figura 4

Essa pintura foi feita com tinta acrílica, ( Figura 04 ) lembro-me de usar Vermelho China e Branco Titânio, do nome do verde não me recordo, misturei um preto azulado às cores para criar sombras. Comecei esboçando a figura e pintando o vestido, na época, foi-me orientado deixar o movimento das listras fluir bastante e não fazer algo tão sistemático. Acho que o vestido ficou excessivamente geométrico, mas existe beleza no contraste entre ele e o fundo, realizei a vegetação de forma intuitiva.

Estudei nesse tempo, as pinturas do artista Edward Hopper ( Estados Unidos, 1882 -1967 ), ele foi uma importante referência para mim, porque eu estava estudando a construção de atmosferas durante esse meu último trabalho ( Figura 2 ).

Interessava-me muito a forma como Hopper construía a representação dos ambientes interiores. Gostava especialmente da paleta de cores e de algumas configurações: a figura humana sempre isolada, o vazio.

Encantava-me o modo que o artista pensava a figura humana, eu sentia um mistério e uma solidão nas pinturas dele. Era como se suas obras remetessem a um filme “noir” com toda sua dramaticidade e melancolia. O trabalho dele para mim não só fala sobre questões muito íntimas e específicas da existência de cada indivíduo, mas também cria uma reflexão sobre questões universais, sobre as interações humanas.

A obra “Falcões Noturnos” ( Figura 5 ) foi o trabalho de Hopper que mais me chamou atenção naquela época do curso. A rua parecia muito calma e silenciosa e acho que a pintura também me atraiu pela composição, na qual possuía a maioria dos elementos de peso no lado direito do quadro.



Figura 6 - Imagem da pintura - The Nighthawks (Falcões Noturnos) de Edward Hopper

Óleo sobre tela - 84,1 x 152,4 cm, 1942

Depois da escolha da habilitação tive uma disciplina que me marcou muito: a disciplina de Pintura A, cujo objetivo era explorar as técnicas da aquarela e da tinta guache. A maioria dos exercícios foram feitos sobre papel paraná, testei várias preparações de suporte.

Fiz uma série de pinturas de ambientes internos em guache, que embora não tenham tanta relação com os trabalhos que desenvolvi posteriormente no ateliê de pintura, foram importantes fundadores do meu processo criativo. Entendi melhor sobre a representação do espaço tridimensional em suportes bidimensionais, além da ampliação da consciência do potencial expressivo da tinta e do potencial e entendimento da mancha como elemento constituinte da pintura.

Na época em que fiz essas imagens, tive contato com o trabalho de Cildo Meireles ( 1948- ). Vi a instalação “Desvio para o Vermelho” em Inhotim, apaixonei-me pelo trabalho desse artista ao vasculhar vários objetos do primeiro quarto, ( parte da obra chamada de “Impregnação” ) e encontrar uma lista de compras bem pequena escrita em vermelho no bolso de um dos casacos vermelhos que estavam no armário.

Eram alguns itens para se comprar no mercado e coisas a fazer, o item final era sobre algo que deveria ser feito para si mesmo, uma espécie de autocuidado e a busca pelo autovalor. Foi tão bonito esse momento, os detalhes e a poesia. Algo também sobre a investigação, e atenção aos detalhes que sempre me encantaram, aquilo que está escondido, o íntimo, o cotidiano fundido no trabalho.

O trabalho “Cantos” do Cildo serviu como uma referência para essa minha série de pinturas de ambientes interiores. Quando encontrei esse trabalho “Cantos”, senti um conforto muito grande, pois sempre me sentia mais confortável em cantos. Acho que a minha jornada na pintura também fala muito sobre a busca por lugares confortáveis onde eu pudesse estar, pessoas com quem eu me sentisse bem, momentos de bem-estar e autoconfiança e esses acabavam muitas vezes sendo os temas das minhas obras.



Figura 7 - Obra de Cildo Meireles da série Espaços Geográficos: Cantos. A partir de 1967.

A partir do meu contato com essa obra ( Figura 7 ) fiquei instigada pela ideia de criar fragmentos de lugares apenas com as linhas principais que formariam planos. Tinha algumas coisas em mente: o arquitetônico e a geometria; a síntese e o contraste. A realização da série a seguir foi algo extremamente leve e confortável.

A pintura a seguir ( Figura 8 ) foi feita a partir da preparação do suporte com pedaços de papel laranja. Os recortes laranjas, em contraste com o fundo acinzentado do papel Paraná, levavam-me a um imaginário de construção: argila, tijolos, cimento e elementos geométricos.

O fundo e os pedaços de papel laranja ficaram tão bonitos, que optei por transformar o fundo no elemento principal do trabalho. Fiz algumas linhas de estrutura, que funcionavam como indicadores de paredes e de, talvez, um pavimento. Usei uma tinta cor de barro para criar sombras, o objetivo era potencializar o cinza e os fragmentos laranja, criar uma ideia de volume. Para mim a preparação de suporte já é pintura, as sombras e as linhas são como um esqueleto, que dão suporte às cores e às texturas.



Figura 8 - Sem título, Guache sobre papel Paraná, 14,8 x 21 cm, 2019.

Na sequência realizei uma outra pintura com tons predominantes de azul e marrom (Figura 09). Quando olho esse trabalho penso em algo, como terra e céu, o marrom do piso me puxa para baixo, traz peso e estabilidade, o azul de uma das paredes é mais escuro e cria a ilusão de profundidade, o azul claro da outra parede e o branco do teto são infinitos.

Assim como na imagem anterior ( Figura 08 ), optei por manter informações do fundo, os vestígios do jornal por baixo da tinta, dão-me a impressão de desgaste, como se a pintura da parede da minha composição estivesse se descascando e revelando o que existia antes. Seria uma outra camada daquela pintura.

Esse resultado me fez pensar sobre o diálogo entre o fundo e a última camada de tinta nas minhas pinturas. A importância dessa relação pode ser percebida posteriormente em meus trabalhos produzidos durante os ateliês.



Figura 9 - Sem título, Guache sobre papel Paraná, 18 x 20 cm, 2019

A pintura em rosa ( Figura 10 ) retoma um pouco a ideia das outras pinturas dessa mesma série: a composição foi realizada com tons monocromáticos e linhas que definem a profundidade do espaço. Trabalhava com um rosa aguado no plano do fundo, quando surgiram manchas muito interessantes. Escolhi dar mais destaque a uma delas e fiz uma mesa só de linhas no espaço. Sinto que essa mesa funciona como uma espécie de “metonímia”, uma parte que representa um todo, no caso, a mesa representa todos os objetos que ocupam aquele espaço. A escolha por representar só um objeto na cena fala de uma síntese, uma busca pelo essencial.



Figura 10 - Sem título, Guache sobre papel Paraná, 15 x 18 cm, 2019

A pintura seguinte da mesma série ( Figura 11 ) foi feita, também, sobre papel Paraná, preparado com uma folha de jornal inteira. Quando abri o jornal em busca de uma página para usar na preparação, encontrei uma em que as informações sobre os produtos, estavam em caixas de texto azul, todas elas eram do mesmo tamanho.

Essas pequenas caixas e algumas frases estavam organizadas geometricamente na folha, isso me atraiu muito. Então, durante o processo da pintura, mais uma vez optei por não cobrir por completo esses elementos.

Criei alguns planos com tinta cinza. Fiz a parede da esquerda em azul pela presença dessa cor no fundo, nas caixas de texto. Outro detalhe que acho interessante nessa composição é a existência de uma espécie de pilastra cinza escuro no canto direito, que cria um corte na imagem, essa pilastra me dá a sensação de que estou vendo a imagem por detrás dela, como se eu estivesse me escondendo.



Figura 11 - Sem título, Guache sobre papel Paraná, 14,8 x 21 cm, 2019

O meu quarto semestre na faculdade foi marcado pelo início da pandemia, tive algumas semanas de aula e depois entramos em quarentena. Algumas semanas antes do isolamento social comecei a disciplina de Pintura Projeto, que tinha como objetivo a elaboração de um Projeto em Pintura. Depois de um longo tempo, as aulas voltaram de forma remota, resolvi dar continuidade na disciplina.

Durante a disciplina tive muita dificuldade em voltar a pintar, era algo que não fazia mais sentido para mim, minha prioridade durante a pandemia foi focar em minha saúde psicológica, tentar me manter minimamente saudável. De toda forma não queria paralisar minha formação acadêmica, então me propus a encontrar algum tema que me interessasse e tentar trabalhá-lo.

No tempo em que estávamos em quarentena, comecei a olhar de outra forma para coisas muito pequenas que nunca me atraíram antes: pregos, parafusos, materiais que iriam ser descartados. Também revisei fotos esquecidas na galeria do meu celular, resolvi levar todas essas inspirações para a pintura.

Produzi pinturas de objetos, paisagens e partes do corpo, a princípio esses trabalhos não tinham nenhuma relação um com o outro, resolvi explorar possíveis montagens para criar narrativas e possíveis diálogos entre eles.

Mais tarde pensei na interação entre a figura humana e a natureza, era um tema que queria explorar naquele tempo, quando apresentei essa proposta, minha professora Giovanna Martins, falou-me sobre uma frase de Ailton Krenak: “Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, p. 16-17).

Achei esse pensamento muito interessante, ele fez com que eu ampliasse minha visão de natureza, pensasse nela como o todo, a soma de todas as coisas, o material e o imaterial, os pequenos pregos e o infinito cosmos.

Todas as pinturas foram feitas em gouache e sobre papel. As dimensões delas não passavam do tamanho A3. Fiz a maioria dos trabalhos enquanto “maratonava” a série: *Um Maluco no Pedaco* em dias chuvosos. Lembro que minha irmã me interrompeu durante a execução de um deles e me chamou para dançar *somebody to love* na chuva, pois estava

tocando no rádio. Apeguei-me muito a esses momentos, e esses detalhes que tornavam os dias um pouco mais leves e toleráveis.



Figura 12 - Trabalhos produzidos durante a disciplina de Pintura Projeto

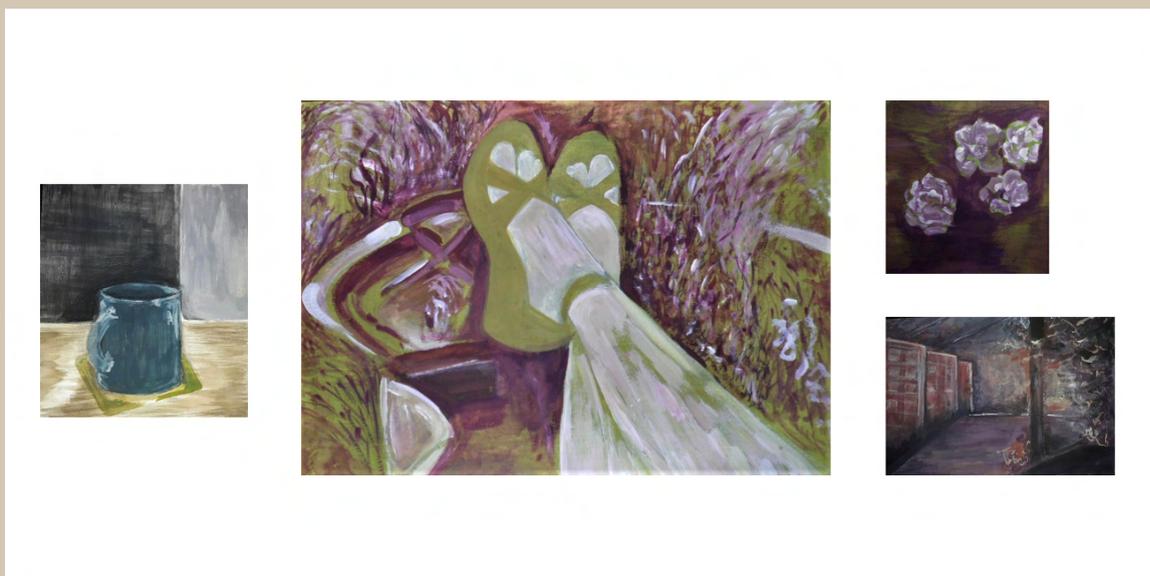


Figura 13 - Trabalhos produzidos durante a disciplina de Pintura Projeto

Os ateliês I e II também aconteceram no contexto da pandemia, enquanto as aulas da Universidade ocorriam de forma remota. Diferente do meu semestre anterior, eu estava mais interessada na minha própria imagem, fotos minhas, poses, gestos e adereços.

Lembro-me, agora, de que nessa época assisti a um documentário, sobre o *Heath Ledger*, um ator australiano muito sensível e expressivo. No documentário, falaram um pouco sobre uma técnica que o ator usava para melhorar sua atuação: ele passava uma boa parte do dia se filmando. Ele explorava todas as expressões faciais possíveis, como seu corpo ficava em cada posição, ele enquanto falava, ele enquanto andava e isso me pareceu fantástico.

Ao passar mais tempo em casa entendi um pouco desse desejo, conhecer-me ao máximo, estudar-me, colocar-me como elemento principal. Nos primeiros ateliês de pintura, dediquei-me à pesquisa da figura humana, principalmente do autorretrato, e também à produção de retratos meus com minha antiga companheira.

Quando comecei essa série de trabalhos utilizei fotos já existentes que possuíam algum potencial pictórico para mim: a cor dos meus cabelos, a maquiagem e adereços que usava. Ao perceber que seguiria essa temática, o gênero Retrato, comecei a me fotografar pensando nas pinturas. Eu não me preparava exclusivamente para as fotografias, em geral, eu via potencial na minha imagem e capturava o momento para que eu pudesse usar nos trabalhos.

As fotos, que fiz para usar como referência nos trabalhos, são de dias muito felizes para mim, em que me senti muito bem comigo mesma e com outras pessoas ( quando pintava minha ex namorada e eu ).

Durante esse período, a artista Elizabeth Peyton ( Estado Unidos, 1965- ) foi uma grande referência para mim. Peyton é uma artista contemporânea norte-americana, sua pesquisa gira principalmente em torno da figura humana e do retrato.

Seus retratos são muito expressivos e coloridos. Gosto muito do contraste em seus trabalhos. Ela foi uma grande influência para mim pelo vigor das pinceladas, pela paleta de cores vibrantes e saturadas e por colocar sempre a figura humana como foco em seus trabalhos.

Acho que uma diferença muito marcante entre o trabalho de Elizabeth Peyton e o meu, é que sempre busco no meu microcosmo motivos para a minha pintura: pessoas, objetos e momentos que fazem parte do meu cotidiano. Sinto que ela sempre procura algo mais distante, ícones da cultura pop, personalidades históricas. Parece que o mundo dela é muito mais amplo que o meu mundo; menos íntimo e mais glamouroso.



Figura 14 - Imagem da obra Kurt de Elizabeth Peyton, 1999

Os trabalhos a seguir são os mais relevantes para mim desse meu período de produção, eles são os que mais me marcaram quanto a técnica, temática e composição.

Meu autorretrato com o batom vermelho e o brinco de penas ( Figura 15 ) foi feito sobre papel com tinta guache e alguns detalhes foram feitos em acrílica. Usei vários tamanhos de pincéis, um bem fino para criar os fios de cabelo e o delineado, e para as manchas de fundo e áreas de preenchimento usei pincéis mais cheios. Queria um vermelho bem plástico e brilhante para o batom, por isso usei a acrílica. Enquanto produzi esse retrato, pensei muito sobre o branco na pintura, áreas vazias, o branco do fundo. Esse vazio era um lugar de respiro e me interessava muito.

Essa imagem me passa uma ideia de força, poder e mistério, como se a figura fosse uma “*femme fatale*” de filmes policiais, o que não coincidia com a visão que tinha de mim mesma na época.

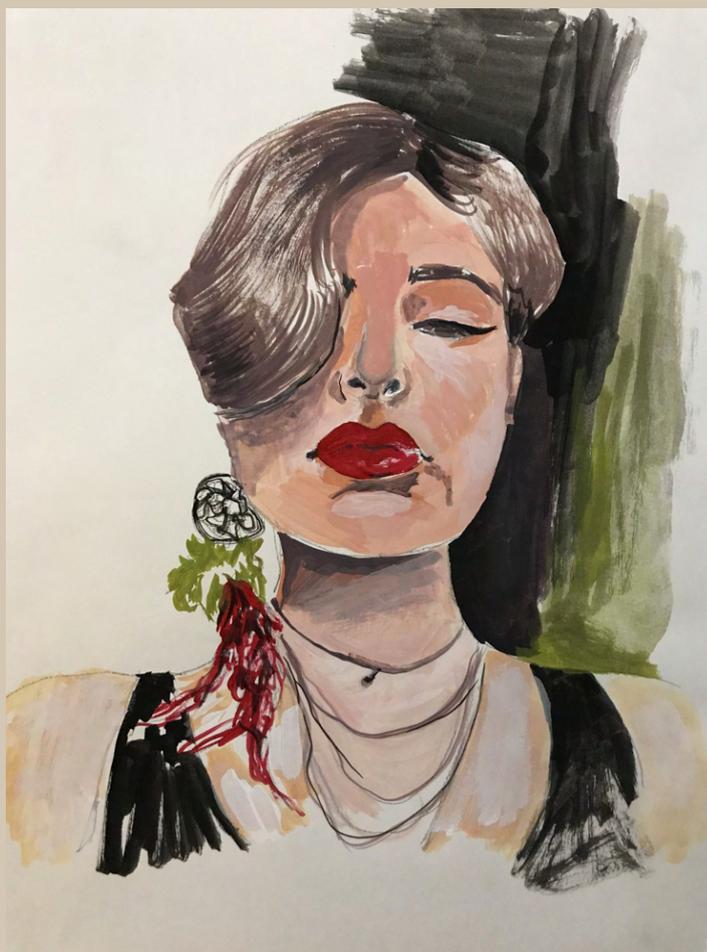


Figura 15 - Sem Título, Acrílica e Guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021

A pintura em que as flores cobrem o rosto da figura ( Figura 16 ) também foi feita sobre papel usando guache e em algumas partes a tinta acrílica. Tinha acabado de pintar meu cabelo de vermelho e ainda estava me adaptando à nova cor. Meu cabelo se tornava extremamente luminoso próximo ao verde, quis enfatizar isso.



Figura 16 - Sem Título, Acrílica e Guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021

A pintura sem título ( Figura 17 ) é um autorretrato no qual representei uma parte do meu rosto. O trabalho foi feito em acrílica sobre papel A3, usei um papel canson, com 400g de gramatura.

Estava testando algumas maquiagens inspiradas nas de David Bowie ( Reino Unido, 1947-2016 ), cantor que se tornou um importante ícone de estilo por se vestir de forma extravagante e criativa.

Fiz, com uma sombra de tom rosado, a maquiagem que usei na fotografia que serviu como referência para o trabalho. Esfumei bastante a sombra para fora da área dos olhos, levando-a para as extremidades do meu rosto, no canto interno dos olhos usei uma sombra dourada que brilhava muito.

Gostei muito do resultado com o corte de cabelo que eu usava na época: uma *micro bang*, uma franja bem curtinha. Eu tinha uma tinta dourada e estava curiosa se conseguiria reproduzir o efeito dos olhos na pintura também.

Acabei optando por usar como referência só um recorte da foto, escolhi enfatizar o olho, queria que fosse o elemento principal. A maquiagem para mim é uma forma de destacar elementos do meu rosto e me tornar mais expressiva. É como se meu rosto fosse um pouco tela também.



Figura 17 - Sem Título, Acrílica sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021

Nesse período da pandemia passava a maior parte do tempo em casa; a partir de determinado momento voltei a sair, só quando necessário, sempre tomando todos os cuidados para evitar a contaminação. Só saía de casa para ir ao mercado, acho que nesse momento a percepção que tinha de mim mesma mudou muito. Era como se a máscara, a sacola retornável e o cabelo preso me resumissem fisicamente, sentia que tinha perdido minha individualidade.

Todas as pessoas nas ruas pareciam muito iguais fisicamente, usavam o mesmo tipo de vestimenta e penteado. A criatividade que eu não conseguia expressar fora de casa, ( não podia usar os cabelos soltos e deveria evitar acessórios pelas medidas de segurança ), eu mostrava na pintura.

Pensando nesse meu momento, fiz o autorretrato com os óculos de coração ( Figura 18 ). Eles eram meio retrô, muito usados na década de 1960. Acho que me faziam parecer um pouco mais viva, davam um pouco de graça e cor ao meu rosto.



Figura 18 - Sem Título, Acrílica e Guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021

Durante o Ateliê II de pintura, tive aulas a distância com a professora Christiana Quady e mais uma aluna apenas. Muitas vezes essas aulas acabavam sendo como uma aula particular. Nos encontros online, conversávamos sobre a poética dos trabalhos, a vida em pandemia e tomávamos café juntas online.

Sempre que eu acabava uma pintura mandava várias fotos para que a analisássemos. A professora Chris me pedia para colar os trabalhos na parede para que tivesse uma noção da dimensão deles. Era muito divertido tentar equilibrá-los. Eles sempre se soltavam por causa da baixa qualidade da fita crepe. Nós duas rimos muito disso.

Depois de ver minha pintura finalizada, ( Figura 18 ), Chris me apresentou uma referência muito interessante: uma série de pinturas de enfermeiras com máscaras cirúrgicas intitulada: “*Nurses*” do artista Richard Prince ( Panamá, 1949 - ). Era uma proposta dramática e sombria: só os olhos das enfermeiras ficavam à mostra, elas tinham olhares muito marcantes e misteriosos, algumas pinturas faziam referência ao sangue.

Essa série de pinturas apresenta na maioria dos trabalhos uma figura feminina, que está só, usando uma máscara branca, os fundos das obras não possuem tantas informações, geralmente são monocromáticos e extremamente vibrantes, e esses elementos também podem ser observados nesse meu trabalho.

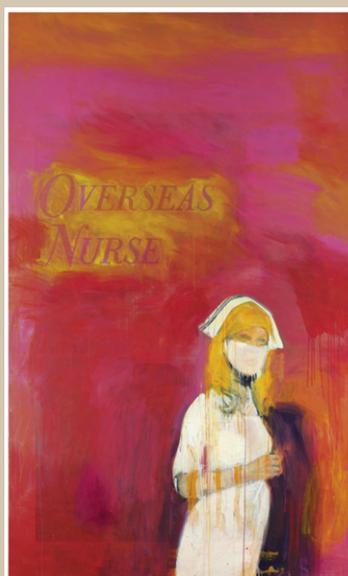


Figura 19 - Imagem da obra “Overseas Nurse” do artista Richard Prince, 236,2 x 142,2 cm, 2002

A foto que serviu de inspiração para a pintura em laranja ( Figura 20 ) foi feita logo depois que raspei a cabeça. Tinha me arrumado e estava me sentindo muito confiante, usava um colar e brincos muito bonitos, a minha roupa era marrom, meio alaranjada, estava toda vestida em tons terrosos.

Optei por uma proposta de cores análogas nessa obra, usei cores similares às que eu vestia na foto de inspiração para construir a paleta. Deixei bem visível os rastros dos pincéis, o contorno branco traz a figura para a frente, os olhos cheios de cílios me lembram os olhos da foto “Lágrimas” de Man Ray.

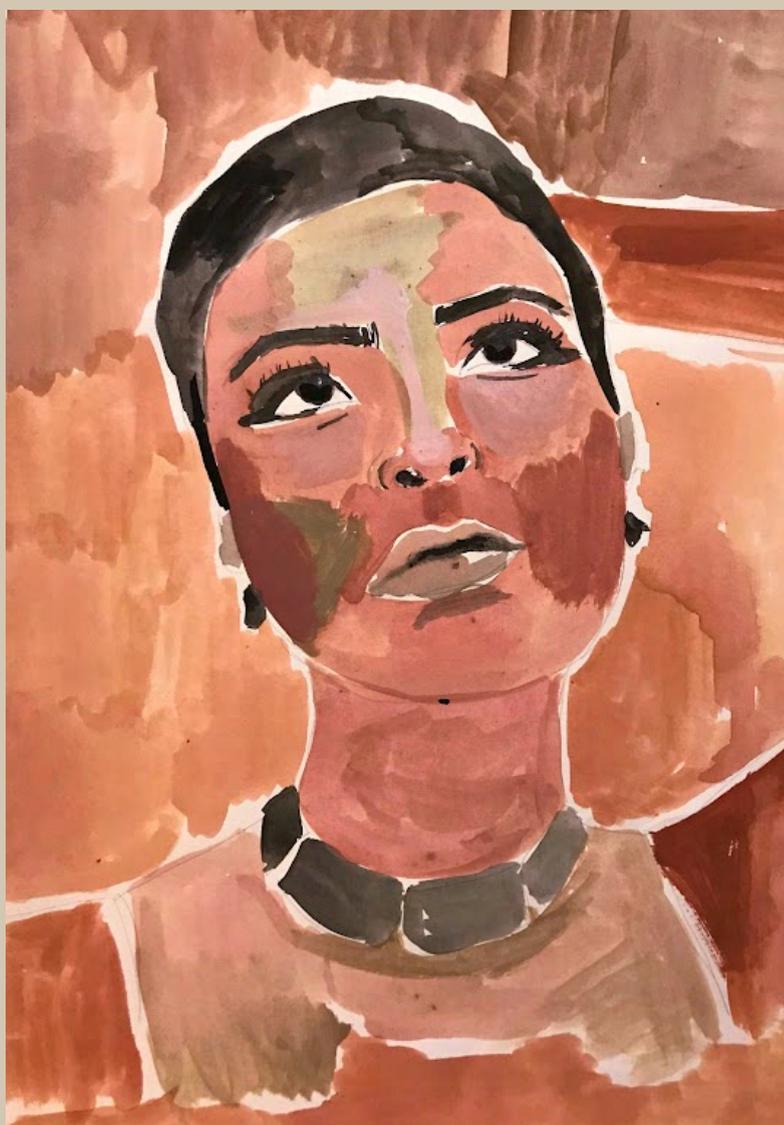


Figura 20 - Sem Título, Acrílica e guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021

No ateliê II fiz alguns retratos em que representei minha antiga companheira e eu. Na pandemia, muitas vezes só tínhamos uma a outra. Em alguns dias, ficava cansada de me representar e sempre era um bom descanso poder pintá-la. Ela gostava muito de acessórios e roupas que fizessem com que ela se parecesse uma pirata, nesse dia acho que fiquei parecida com uma também. Esse trabalho ( Figura 21 ) ilustra, para mim, um momento em que me senti parte do universo dela, essa é minha pintura favorita de nós duas.



Figura 21 - Sem Título, Acrílica e guache sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2021

No meu primeiro semestre presencial na faculdade, após o isolamento social, no início do ano de 2022 tive o terceiro ateliê de pintura. Durante esse período não fiz tantos trabalhos. Pintar meu rosto e corpo se tornou algo um pouco desconfortável. Minha aparência se modificou muito no intervalo de tempo entre o ateliê II e o ateliê III.

Na volta às aulas presenciais, o corte do meu cabelo me incomodava, não reconhecia mais o meu rosto: o formato do meu maxilar e das minhas bochechas havia mudado. Sempre evidenciei essas partes do meu rosto nos retratos, a mudança delas me causou um estranhamento com minha própria imagem. Na Escola de Belas Artes ficava muito retraída. Não queria me aproximar muito das pessoas pelo medo do vírus. Esse desconforto fez com que minha postura mudasse muito, o que também causou-me incomodo pela minha aparência.

Devido a esse momento de insegurança, até pensei em tentar trabalhar um outro tema no ateliê III, experimentei a pintura de alguns objetos, mas os resultados não me agradaram. Apesar de tudo, escolhi continuar a produzir os autorretratos, a representação da figura humana ainda era interessante para mim.

O trabalho de que mais gosto desse período de produção é o autorretrato que estou segurando um celular ( Figura 22 ), esse trabalho é muito dramático e tem muito contraste.

A foto que usei como referência para essa obra foi feita no mesmo dia em que fiz a foto que serviu como inspiração para a pintura em cores terrosas ( Figura 20 ).

Meu cabelo raspado me chamou a atenção e fez com que eu quisesse trabalhar com essa fotografia, eu não conseguia mais ver a luz refletida no cabelo, era como se ele fosse uma massa.

Trabalhei com uma paleta de cores diferente da paleta da referência, explorei o preto, tons de cinza e tons de rosa acinzentado, fiz a maioria do trabalho em guache, fiz os lábios com a tinta acrílica, encontrei uma tinta preta muito intensa para eles.



Figura 22 - Sem Título, Acrílica sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2022

Outro trabalho que achei interessante, ( Figura 23 ), foi baseado em uma foto que tirei em uma reunião com alguns amigos no fim da pandemia. Ele tem uma dualidade entre tons mais quentes e frios, havia duas fontes de luz iluminando meu rosto, uma rosa e uma roxa, optei por fazer na pintura um dos lados do rosto em azul e o outro lado em rosa.

Gosto da tinta que escorreu no meio do pescoço, a tinta preta. O escorrimento traz destaque e suporte para o rosto, junto com as alças da roupa, são três linhas que trazem verticalidade e mais estabilidade à pintura



Figura 23 - Sem Título, Acrílica sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2022

Fiz um trabalho ( Figura 24 ), no qual experimentei um papel de uma gramatura maior do que os usados até então. Um papel 100% algodão que recebia a pintura muito bem e absorvia as tintas com maior eficiência. Tive a impressão da pintura ter ficado muito mais fosca que as outras, com uma superfície mais bonita. O professor Alan Fontes do ateliê III de pintura me falou sobre experimentar tonalidades de cinza ao invés de recorrer inicialmente ao preto como sombra.

Eu acho que essa sutil mudança no processo levou a um amadurecimento dessa pintura e na forma como passei a elaborar os tons escuros a partir desse trabalho. Gosto do fundo cinza com a pele rosada. O cabelo, às vezes linha, às vezes massa, eu gosto muito.



Figura 24 - Sem Título, Acrílica sobre papel, 29,7 x 42 cm , 2022

Realizei minhas primeiras exposições de pinturas durante o Ateliê III: uma no espaço do prédio de Belas Artes na UFMG e outra virtual. Foi uma experiência muito interessante.

Para a primeira exposição de pinturas realizada no espaço Corredor da Pintura no prédio da Escola de Belas Artes, Alan e eu selecionamos 7 imagens, que produzi no ateliê. Experimentamos algumas disposições para os trabalhos, e a disposição final, ( Figura 25 ), foi a selecionada.

Nesse período só fazia pinturas sobre suporte de papel. Tentamos várias soluções para exibi-las, a melhor delas foi usar prendedores de papel pretos, fixados na parede por pregos pintados de branco e colocar fita crepe atrás dos trabalhos para mantê-los planos na parede. Essa foi a forma que pensamos interferir menos nas imagens. Gostei muito de ver os trabalhos expostos na parede. O branco dela trouxe muito destaque às obras pelo contraste, já que as cores das obras eram mais escuras.

Em alguns momentos visitei a exposição e os trabalhos estavam se soltando da parede. As fitas não seguraram muito bem os papéis. Eles ficaram com as pontas curvadas e foi algo que me incomodou, pois interferia na leitura dos trabalhos. Depois disso, comecei a considerar pintar sobre outro tipo de suporte. Pensei que a tela poderia me dar outro tipo de resultado e uma facilidade e estabilidade maior nas minhas montagens.

O retorno dos meus colegas sobre a exposição foi muito positivo para mim. Recebi muitos comentários positivos. Esse momento de pensar a obra exposta, foi muito importante e agregou muito ao meu processo artístico.

Gostei muito da experiência de participar de uma exposição virtual ( Figura 27 ). Meus amigos de outros estados puderam ver o meu trabalho exposto e esse tipo de apresentação virtual possibilitava que o trabalho alcançasse um número maior de pessoas. Achei a expografia muito linda, mostrei trabalhos que produzi no ateliê II e III. Ver os trabalhos todos juntos foi ótimo, as cores combinaram e tive uma noção dessa série como um todo.



Figura 25 - Vista da exposição no espaço do Corredor da Pintura



Figura 26 - Vista da exposição virtual

Quando iniciei o Ateliê IV de pintura, o último Ateliê de Pintura, tinha acabado de passar por um rompimento com minha antiga companheira. Foi um momento muito delicado para mim. Já não apresentava mais vontade de pintar retratos, pois era algo que associava aos nossos momentos juntas. Queria encontrar um novo tema, que fosse confortável. Um lugar onde eu pudesse desenvolver minha pintura e também me recuperar. Lembrei-me de que nunca tinha me dedicado ao estudo da pintura de paisagens com elementos naturais. Pensei que seria um lugar neutro para mim, não me traria gatilhos.

Várias vezes durante minha formação tive a vontade de me aprofundar no gênero paisagem, mas por inúmeras causas, até então, essa temática não teve espaço na minha pesquisa. Porém, durante meu último ateliê de pintura tive contato com o trabalho *Fernweh* da artista Tacita Dean (Reino Unido, 1965- ), uma artista britânica que explora o gênero da paisagem com algumas interferências em seus filmes, desenhos e fotografuras. Li um fragmento de um de seus textos explicando o nome daquele trabalho:

“...A palavra *Fernweh* é um jargão em desuso para um anseio por viajar, um sofrimento para ir embora. Diferentemente imagino de *Wanderlust*, que é um desejo mais animado de estar na paisagem...” Tacita Dean. (DEAN, 2013, p. 81)

Essa palavra me moveu para que eu iniciasse essa série. O desejo por chegar a algum lugar novo, sair do local em que me encontrava e me movimentar. Deixar de lado os temas em que eu estava trabalhando, ir em busca do novo e me arriscar. Querer partir para chegar a algum lugar que nem eu sabia qual. Isso era exatamente o que eu precisava naquele momento.

Apesar da mudança quanto à temática dos meus trabalhos, sentia que a minha pesquisa em pintura continuava a mesma: a busca pela mancha, pela pincelada, pela expressividade e pela valorização da experimentação artística e o uso de cores contrastantes.

A principal diferença que senti entre trabalhar retratos e trabalhar paisagens, foi a diferença quanto a ocupação do suporte. A maioria das figuras em meus retratos, possuíam uma centralidade e os outros elementos da composição eram escolhidos para trazer foco e atenção à figura. Na paisagem precisei pensar na ocupação do espaço pictórico como um todo, sem a existência de um elemento central. No retrato o olhar era direcionado à figura,

enquanto na paisagem era como se o olhar fosse direcionado a todo plano da imagem pintada e para além dos limites do quadro.

Até esse momento do curso, tinha pensado o gênero da Paisagem com pouca frequência e de forma secundária, pois o gênero do Retrato tomava toda a minha atenção. Entretanto, lembro-me da minha infância, acho que foi a primeira vez que senti uma necessidade de contato com a natureza, eu tinha entre 9 e 10 anos quando encontrei um VHS do filme *Meu Vizinho Totoro*, filme de um famoso estúdio japonês de animação, o estúdio Ghibli. A maioria dos filmes desse estúdio exploram temas muito sensíveis: a família, o cotidiano, o contato com a natureza e o amadurecimento perante acontecimentos difíceis.

Assisti ao filme repetidas vezes, ele me falava sobre tanta coisa. Hoje penso que ele falava acima de tudo sobre silêncio, contemplação, assuntos que consigo perceber atualmente como demandas em minhas pinturas. Essa animação contava a história de duas irmãs explorando sua nova casa, a floresta que as cercava, explorando a noite e cada miudeza da natureza. Na história, haviam diversos momentos em que nada acontecia, mas que tudo acontecia: as personagens não estavam em ação, mas no cenário, o vento soprava, as folhas corriam e as árvores chacoalhavam.

\*\*\*

Outras memórias que me marcaram acerca da minha experiência com a paisagem foram as vezes em que eu estava na estrada fazendo o trajeto Itaúna-Belo Horizonte. Momentos de contemplação que me tiravam o fôlego. Nesses curtos trajetos sentia que me era dado um instante para pensar sobre minhas emoções, motivada pelo vazio e profundidade das paisagens, juntamente com todas as cores naturais que passava a observar e passava a ter consciência. É o que sinto de forma mais atenta quando me deparo com algumas situações da natureza.

O primeiro quadro que produzi no ateliê IV ( Figura 27 ) foi baseado em uma foto que tirei da lagoa da Pampulha.

Fui para lá caminhar com uma amiga e nenhuma das duas estava com disposição para pensar em assuntos ou manter um diálogo muito profundo durante o passeio. Deitamos no chão e ficamos observando as cores do céu enquanto o sol se punha. Nesse momento, me senti muito confortável com o silêncio. Tive vontade de trazer esse instante, com toda sua riqueza cromática, para a pintura. O movimento da água era muito bonito e as nuvens eram indefinidas, formavam uma mistura muito interessante de cores e manchas no céu.

Fiz uma foto para usar como referência no meu trabalho. Resolvi experimentar a pintura em tela, comprei uma bem pequena, usei tinta acrílica. O suporte me permitiu criar muitas camadas de tinta, o que foi muito valioso para mim na minha pesquisa cromática pois consegui explorar alguns degradês.



Figura 27 - Sem Título, Acrílico sobre tela, 20 x 30 cm , 2023

Logo após realizar o primeiro trabalho de paisagem dessa nova fase ( Figura 28 ), tive vontade de produzir um díptico. Em duas telas quadradas de mesmo tamanho pintei outras duas fotos da Lagoa da Pampulha que fiz naquele mesmo dia. Também usei a tinta acrílica e tentei manter uma paleta próxima a da pintura anterior.

Em uma das partes do díptico ( Figura 28 ) dei maior destaque à paleta cromática das nuvens, pois foi o que mais me chamou a atenção na imagem de referência. Busquei acentuar a variedade tonal delas.

Na outra parte ( Figura 29 ) foquei mais na folhagem de uma árvore que estava no meu campo de visão. Fiz uma veladura com uma mistura de marrom e cinza para criar o efeito de esmaecimento.

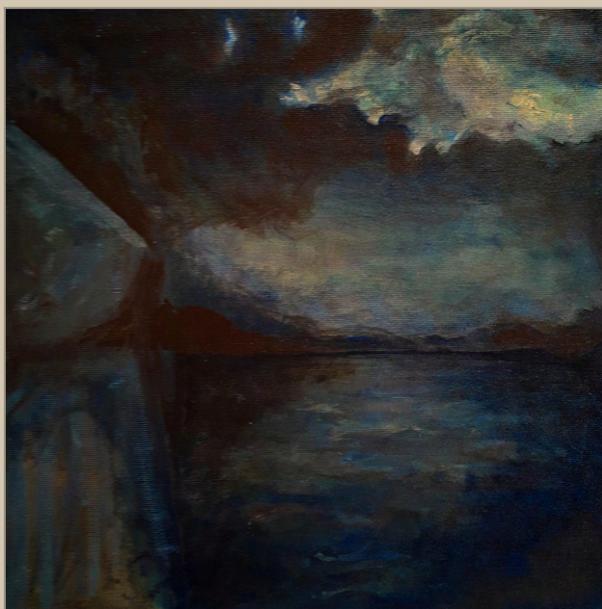


Figura 28 - Sem título,  
Acrílico sobre tela, 30 x 30 cm, 2023



Figura 29 - Sem título,  
Acrílico sobre tela, 30 x 30 cm, 2023

Quando terminei as duas telas ( Figuras 28 e 29 ) tive a vontade de fazer outra pintura nas mesmas dimensões da primeira que fiz a da Lagoa da Pampulha ( Figura 27 ). Além disso, quis usar uma paleta de cores semelhante, mas experimentar outra proposta. Enquanto a pintura ( Figura 27 ) seria calma, a outra pintura ( Figura 30 ) seria agitação.

Construí essa paisagem por meio das minhas memórias e impressões de quando estive na Lagoa da Pampulha e também usei a imaginação. Recordei-me da agitação das águas e das nuvens que me pareciam fumaça. Tentei reproduzir esse efeito na pintura e criei um foco de luz amarelada na parte esquerda da composição. Pensei que o degradê entre esse foco luz e o céu azul escuro poderia criar tonalidades bonitas de verde.

A produção de um trabalho sem o uso de uma foto como referência me deu muita liberdade quanto a experimentação de cores. O gesto passou a acontecer para mim de forma mais livre. Percebia momentos em que as pinceladas ultrapassavam os limites da tela. Esse desprendimento de uma referência acrescentou muita expressividade à minha pintura. Uma segurança maior no processo criativo e uma sensação de maior maturidade.

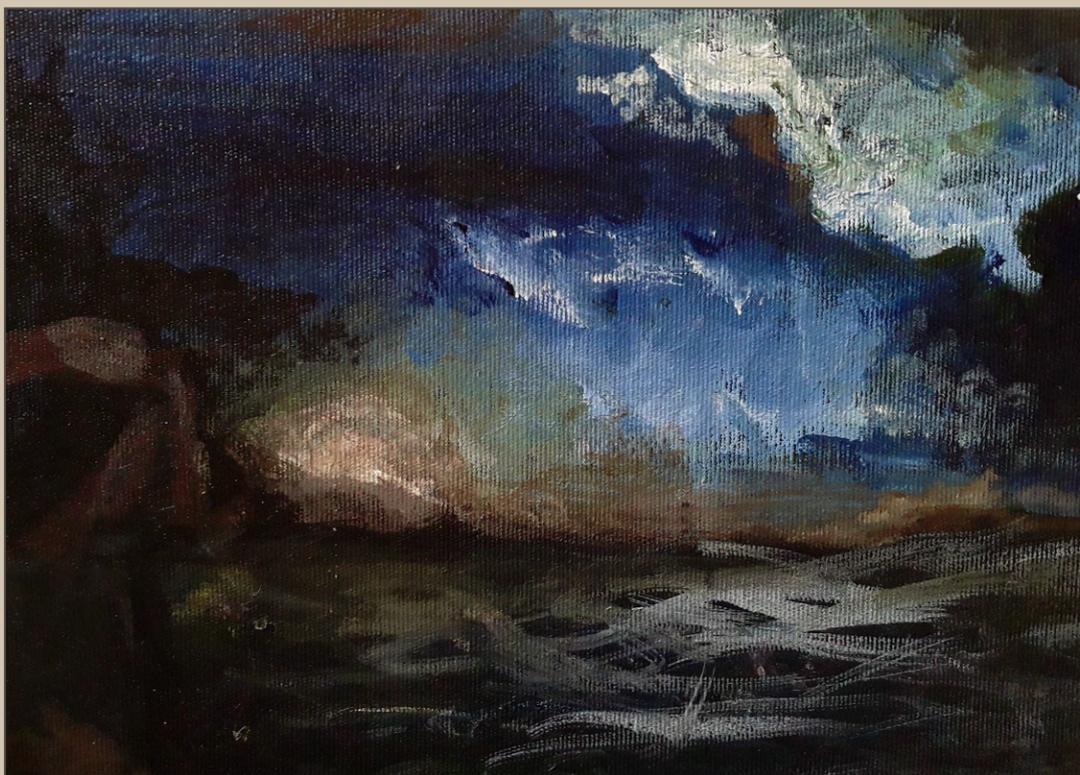


Figura 30 - Sem Título, Acrílica sobre tela, 20 x 30 cm , 2023

A pintura que realizei na sequência ( Figura 31 ) se aproximou em alguns aspectos do meu trabalho anterior ( Figura 30 ). As duas pinturas representavam paisagens tempestuosas, mas essa nova era mais estável e suave na parte inferior, uma vez que essa parte não possuía tanta tensão nas pinceladas e a horizontalidade evocava tranquilidade e equilíbrio. Pensei em solitude, monotonia. Fiz a pintura para cobrir um retrato inacabado. Usei como referência uma foto autoral de uma paisagem que tinha em uma pasta do meu celular. O céu estava bem nublado e a parte do relevo estava em contraluz. Fiz a pintura exagerando no contraste das cores do céu e as nuvens ficaram bem dramáticas. Eu só senti as nuvens e seu movimento e misturei as cores diretamente na tela.



Figura 31 - Sem Título, Acrílica sobre tela, 40 x 60 cm , 2023

Pintei outra foto que produzi na estrada, nos meus trajetos de viagem com meu primo ( Figura 32 ). Ele é uma pessoa muito gentil e carismática e sempre que viajamos juntos conversamos durante todo o trajeto. Sempre são viagens muito agradáveis e momentos em que posso me dedicar à observação da paisagem.

Comecei a tela no ateliê e terminei em casa. Descobri que gosto muito de pintar fazendo outras coisas e passava horas conversando com pessoas queridas enquanto trabalhava na tela.

As nuvens ficaram tão luminosas, e a mata ficou tão leve para mim. Escureci a pintura com a cor sombra queimada várias vezes. Queria mais profundidade e contraste. Gosto muito quando existe alguma demarcação bem visível como a que criei entre a estrada e o céu. Onde terminava um e o outro começava.

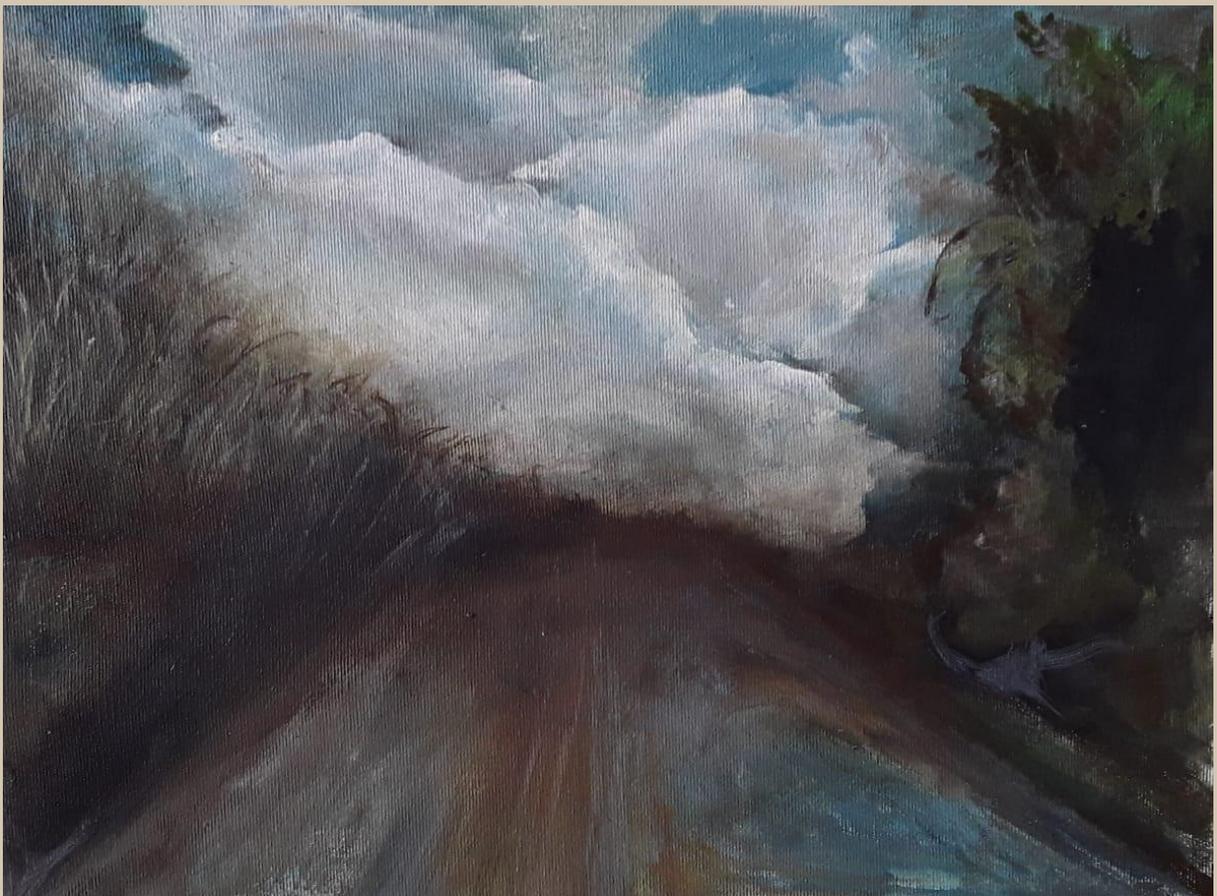


Figura 32 - Sem Título, Acrílica sobre tela, 30 x 40 cm , 2023

Uma outra pintura produzida nesse semestre foi baseada em uma foto que tirei da reitoria do campus Pampulha da UFMG. Havia duas nuvens muito bem delineadas, a luz do sol era muito intensa e fazia com que parte da paisagem ficasse na contraluz.

Para mim foi uma pintura muito difícil de resolver. Em determinado momento do processo cheguei a um resultado interessante: duas nuvens, uma de cada cor, o solo em verde e alguns contornos em preto. ( Figura 33 ) Assim como na Figura 30, acrescentei muitos elementos de imaginação e de memória, escolhi as cores de acordo com a sensação que a foto me causava. Lutei muito contra essa pintura. Tudo que realizava na tela parecia não funcionar. Por fim, quando estava muito cansada, resolvi abrir mão da foto por completo e colocar várias cores e sombras. Minha visão estava muito cansada, quando fui dormir nem me lembrava mais de como a pintura havia ficado ( Figura 34 ). No outro dia acordei e era aquilo que buscava. Para mim a pintura estava pronta.



Figura 33 - Foto do processo da tela

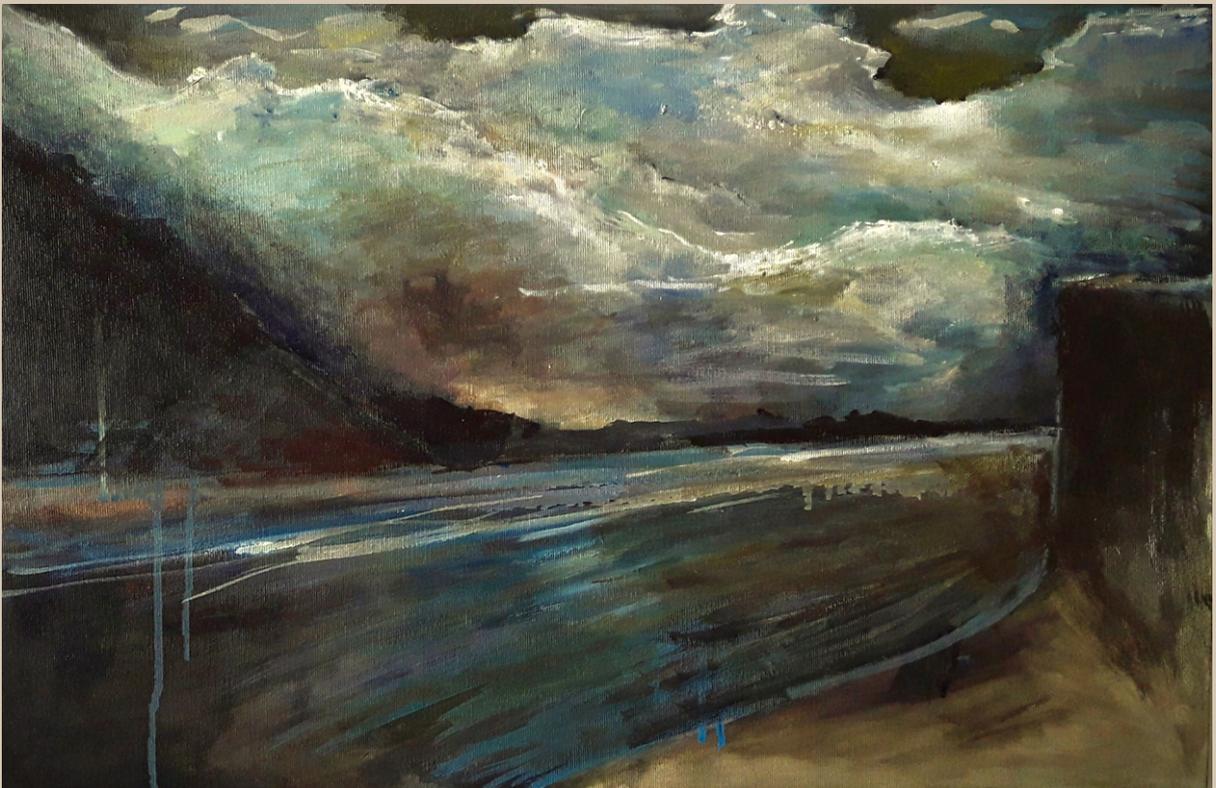


Figura 34 - Pintura finalizada, Sem Título, Acrílica sobre tela, 40 x 60 cm 2023

O último trabalho feito no ateliê IV ( Figura 35 ) foi baseado em outro registro que fiz da estrada. Estava com muita vontade de pintar uma tela a óleo já que durante o curso usei quase sempre tinta acrílica e guache. A técnica de tinta a óleo trouxe fluidez à pintura, permitindo-me realizar degradês com transições de cores sem marcação. Essas transições eram muito suaves.

Uma amiga nos visitou no ateliê em um dos dias de produção e disse que minhas paisagens davam-lhe a impressão de serem paisagens que são vistas enquanto estamos em movimento. Ela falou que sentia como se estivesse olhando o céu enquanto andava de ônibus. Acho que seriam como “paisagens arrastadas”. A minha última pintura ( Figura 35 ) ilustra bem esse conceito para mim.

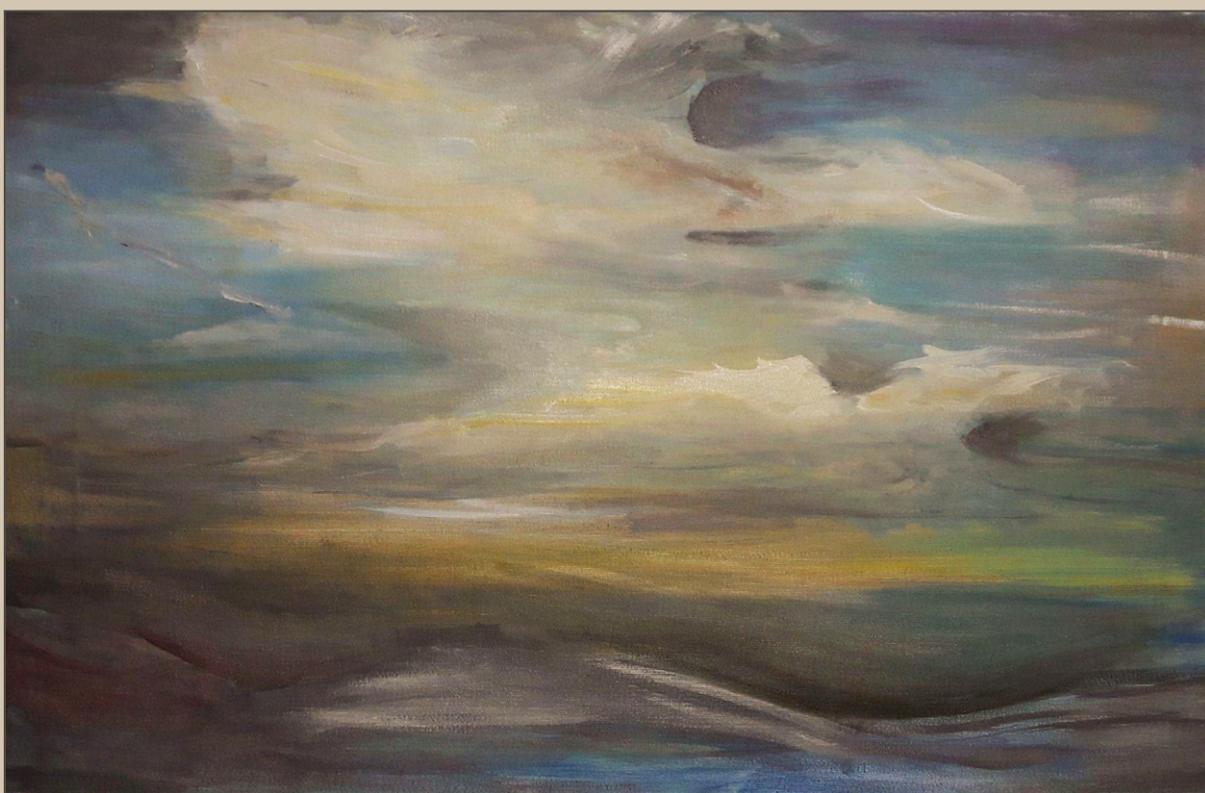


Figura 35 - Sem Título, Óleo sobre tela, 40 x 60 cm 2023

Durante a realização desse trabalho de conclusão de curso produzi mais um autorretrato ( Figura 36 ). Vejo esse novo trabalho de forma muito diferente dos outros que fiz durante os primeiros ateliês. As cores são menos saturadas, as dimensões são menores e principalmente a pincelada parecia mais segura e fluida, captando um clima melancólico que remetia à influência das pinturas de Edward Hopper que eu tanto admirava.

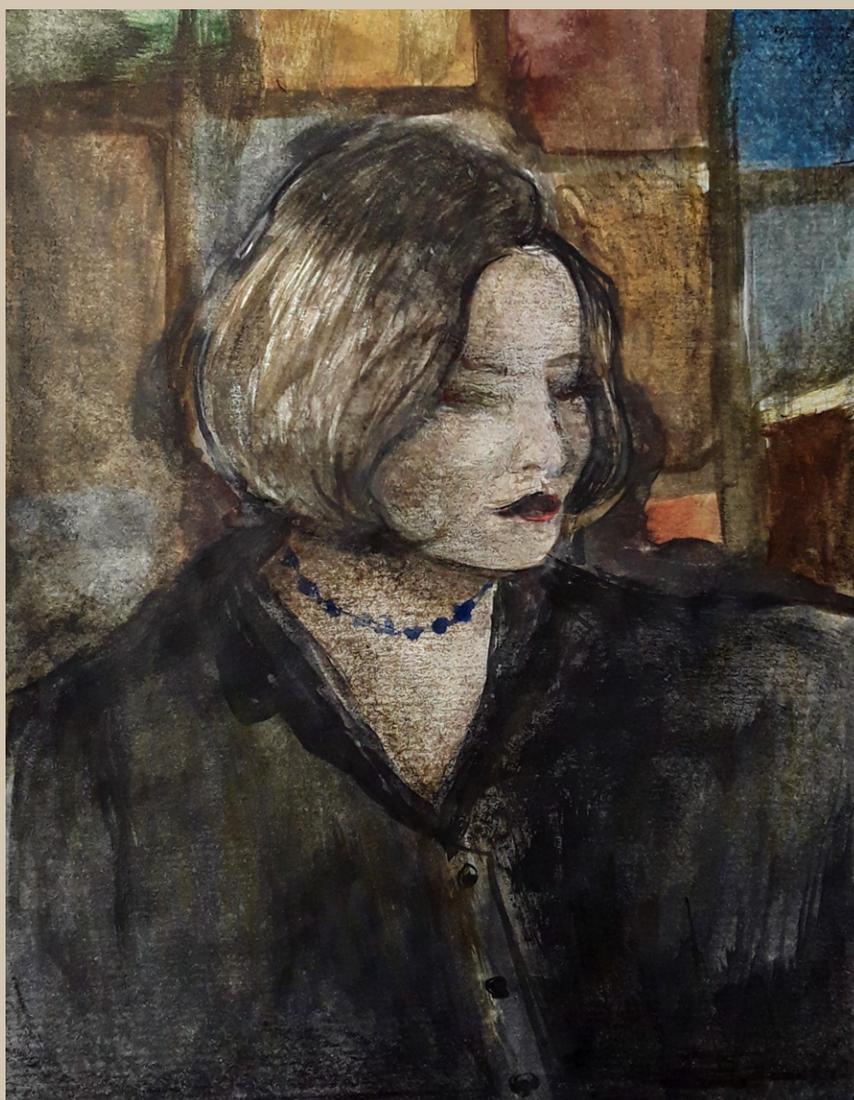


Figura 36 - Sem título, Aquarela e lápis de cor sobre papel, 7 x 9 cm 2023

## Considerações finais:

Pensei muito durante a execução do meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o que é ser artista. Para mim ser artista é trazer vigor, visibilidade, alma e corpo para algo que talvez só eu tenha percebido ou tenha visto algum potencial. Ser artista para mim é estar sensível aos estímulos do mundo, quanto mais o observo com olhos de curiosidade, mais possibilidades eu tenho.

A arte para mim é sobretudo afeto, as coisas pequenas, médias e grandes do cotidiano que merecem ser vistas e pensadas.

O que me atrai na pintura é principalmente a investigação do processo! Já perdi o sono por pensar em maneiras de solucionar um trabalho. O que me move é a busca por respostas e soluções. Eu quase nunca consigo respostas, mas muitas vezes o que consigo é um novo ponto de partida.

A arte é uma inquietação sem fim, vários “pode ser” e nenhum “é”.

É uma batalha perdida tentar encontrar alguma resposta definitiva ou única na arte, mas durante a busca tanto se aprende e tanto se constrói! A arte vale a pena, ela sempre me surpreendeu e sempre fez com que eu me sentisse viva.

Por mais que eu tenha mudado a temática algumas vezes durante o meu percurso no curso de artes visuais, a minha consciência sobre pintura e evolução no domínio da linguagem pictórica seguiram um fluxo contínuo. A pesquisa sobre cores, manchas e pinceladas sempre me moveu! Desde os exercícios, passando pelos autorretratos e chegando às paisagens me trouxeram ao ponto que me encontro hoje. Certa de que minha jornada com a pintura está só no início.